

Few, Martha, y Tortorici, Zeb (Orgs.). *Centering Animals in Latin American History* (Durham and London: Duke University Press, 2013), 391 p.

Frederico Freitas

PhD candidate in Latin American History, Stanford University
Department of History
450 Serra Mall, Building 200
Stanford CA 94305-2024
USA
fssf@stanford.edu

Recebido: 3 de agosto de 2013
Aprovado: 12 de agosto de 2013

A partir do começo do século XXI a academia anglo-saxã viu o florescimento dos “Estudos Animais” como um novo campo das ciências humanas que se propõe a focar a relação entre a sociedade humana e os animais não-humanos. A nova área atraiu não apenas aqueles acadêmicos que já pensavam a questão dos animais através das lentes do utilitarismo de Peter Singer e da questão dos direitos animais proposta inicialmente por Tom Regan, mas também aqueles outros que, vindos de uma tradição filosófica continental de crítica e desconstrução das categorias ontológicas do humanismo, buscam ir além da dicotomia humano/animal.¹ Influenciados por filósofos pós-humanistas como Donna Haraway e especialmente Cary Wolfe, os novos estudiosos da questão animal têm se esforçado para ir além das categorias estanques “humano” e “animal” que formam a estrutura implícita das ciências humanas tradicionais.²

Tal reordenamento do lugar dos animais humanos e não-humanos têm sido proposto em vários campos do conhecimento — história da arte, literatura, estudos culturais, sociologia, antropologia,

¹ Singer, Peter. *Animal Liberation*, 2nd ed. (New York, N.Y.: New York Review of Books, 1990). Regan, Tom. *The Case for Animal Rights* (Berkeley: University of California Press, 1983).

² Haraway, Donna Jeanne. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature* (New York: Routledge, 1991). Wolfe, Cary. *Animal Rites: American Culture, the Discourse of Species, and Posthumanist Theory* (Chicago: University of Chicago Press, 2003).

direito, ética, estética. Os historiadores, contudo, têm se mostrado resistentes em encarar esta nova maneira de pensar os fenômenos “humanos” — os estudos animais, de maneira análoga a história ambiental, questionam de maneira fundamental o antropocentrismo característico à história enquanto disciplina. *Centering Animals in Latin American History* é um trabalho pioneiro não apenas por ser o primeiro volume dedicado exclusivamente à questão dos animais na história latino-americana, mas também por ser um dos primeiros exemplos da nova abordagem dos estudos animais no campo da história.

Mas o que significa colocar os animais no centro da história como proposto no título do volume? De acordo com os editores, Zeb Tortorici, Professor Assistente de Literatura e Línguas Portuguesa e Espanhola na Universidade de Nova Iorque, e Martha Few, Professora Associada de História Colonial Latino-Americana na Universidade do Arizona em Tucson, significa escolher como “o ponto de vista de nossa observação, não apenas um foco na interação humana-animal, mas também nas experiências e histórias dos atores não-humanos através da história.” (p. 3) Contudo, escrever uma história centralizada nos animais baseando-se em fontes cujo foco, em geral, situa-se quase que exclusivamente nos eventos humanos é uma tarefa metodologicamente difícil de ser realizada. Mais além, tal desafio é interpretado de maneira diversa pelos diferentes autores que compõem o volume. Aqui, enquanto alguns autores buscam desnaturalizar a dicotomia humano/animal e se aprofundar nas implicações metodológicas resultantes do novo foco nos animais; outros, de maneira análoga à história ambiental mais tradicional, se esforçam em demonstrar como as práticas exploratórias humanas causaram a destruição dos animais, aqui entendidos enquanto espécie; outros autores ainda rejeitam a ideia de se colocar os animais no centro da narrativa, ou então os colocam como mais um fator entre outros (classe, gênero, ambiente etc.).

Os textos deste livro abrangem vários períodos e lugares, do México colonial à Patagônia do começo do século XX. A primeira parte do volume “Animals, Culture, and Colonialism”, trata da relação entre humanos e animais na América Espanhola colonial. Em “The Year the People Turned into Cattle”,

León García Garagarza analisa a ruptura, não apenas ecológica, mas cultural, ocorrida entre os povos indígenas da Nova Espanha dos quinhentos pela introdução dos animais domésticos europeus. Em “In the Name of the Father and the Mother of All Dogs”, Zeb Tortorici busca compreender o lugar dos animais de estimação na sociedade mexicana dos setecentos através de inquéritos da Inquisição nos quais são investigados casos de casamentos, batismos e funerais de cães. Martha Few em “Killing Locusts in Colonial Guatemala” propõe que os gafanhotos que continuamente atacavam as plantações da Mesoamérica colonial devam ser entendidos como “agentes históricos”. Para a autora, os gafanhotos tiveram um papel tão importante na definição do colonialismo espanhol quanto a varíola que repetidamente dizimou populações indígenas nos momentos de contato. Segundo Few, pensar os gafanhotos como “agentes históricos” não significa atribuir agência ou senciência aos insetos, mas apenas reconhecer que os “habitantes da Guatemala tinham que reagir periodicamente aos ataques de gafanhotos de maneiras identificáveis e mensuráveis.” (p. 69).

A segunda parte do volume, “Animals and Medicine, Science and Public Health”, traz textos que se situam na confluência entre os animais e a medicina. Dos autores presentes nesta seção, Adam Warren em “From Natural History to Popular Remedy” é o que opta pelo caminho mais tradicional ao tratar dos animais como recursos naturais aos quais os Kallawaya do Peru colonial recorriam para a fabricação de remédios. Os artigos “Pest to Vector” de Heather McCrea e “Notes on Medicine, Culture, and the History of Imported Monkeys in Puerto Rico”, de Neel Ahuja, tratam da mudança na maneira como certos animais eram vistos pela sociedade em diferentes momentos. No caso de McCrea, os mosquitos transmissores de doenças que antes eram tratados como “pestes” na Yucatán do século XIX passaram a ser considerados “vetores” com a revolução da microbiologia e as novas campanhas de erradicação de febre amarela que ela trouxe. Neel Ahuja estuda a introdução do macaco reso em Porto Rico por companhias farmacêuticas e instituições de pesquisa norte-americanas no século XX e a mudança do status do macaco — de recurso científico e insumo para a produção vacinas a espécie invasora causadora de toda a sorte de problemas ambientais.

A última parte do volume, “The Meanings and Politics of Postcolonial Animals” reúne quatro artigos que tratam da questão animal em tempos modernos. “Animal Labor and Protection in Cuba” de Reinaldo Funes Monzote estuda a relação entre o uso do trabalho animal na produção de açúcar em Cuba e o surgimento de uma sensibilidade em relação à crueldade contra animais de carga. Lauren Derby por sua vez, opta por fazer uma descrição densa da cultura popular fomentada em resposta à queda do ditador dominicano Rafael Trujillo em “Trujillo de Goat”. Para os *antitrujillistas*, a escolha do bode como o símbolo do finado e odiado ditador funcionava contraditoriamente tanto como um sinal de desprezo (eles comiam o bode) quanto uma valorização mnemônica de um modo de produção (pastoreio de bodes) caracterizado pela independência e autonomia. Regina Horta Duarte em “Birds and Scientists in Brazil” demonstra como uma geração de cientistas conectados a circuitos internacionais onde circulavam ideias conservacionistas agiu na esfera pública brasileira contra à caça de aves e o comércio de penas, o que resultou no *boom* conservacionista da legislação do Brasil dos anos 1930. Por fim, o artigo “On Edge” de John Soluri sobre a caça de focas na Patagônia do século XIX discute a fundo a questão da agência dos animais, tema que, de uma maneira ou de outra, permeia o volume. Soluri argumenta que na Patagônia dos noventa “tanto as focas quanto os caçadores têm suas ações restringidas” pelo contexto de produção de commodities para o mercado internacional. Portanto, para o autor faz mais sentido falar em termos de relações de poder limitadas entre focas e caçadores do que em agência de um ou outro grupo.

O volume conclui com um texto do antropólogo Neil L. Whitehead, que faleceu em 2012, antes do lançamento do livro. Baseando-se em sua própria etnografia entre os Huarani do Peru em no perspectivismo ameríndio proposto por Eduardo Viveiros de Castro, Whitehead relembra o leitor que a clássica distinção entre natureza e cultura (correlata à dicotomia humano e animal) não se reflete em cosmologias outras que não a ocidental, e que isso pode auxiliar os historiadores a “centralizar” os animais e a explorar aspectos da história que, de outra maneira, nunca seriam devidamente explorados.